

## DISLEXIA: UM OLHAR ALÉM DAS DIFICULDADES.

Autora: Marília Forte Irineu <sup>1</sup>  
Co-autora: Aratrícia Maria Martins Freire <sup>2</sup>  
Co-autora: Ilaneide Souto Marques<sup>3</sup>

### RESUMO

O presente artigo, intitulado - Dislexia: um olhar além das dificuldades – tem como objetivo levar ao conhecimento, de pais, professores e toda a comunidade escolar quais são as características e a natureza da dislexia, contribuindo para um despertar de um olhar além das dificuldades, destacando que o disléxico é capaz de aprender e ser bem sucedido. Essa falta de conhecimento sobre os sinais da dislexia, seu diagnóstico e tratamento, justifica a pesquisa bibliográfica, de natureza qualitativa, baseada em diferentes autores. A dislexia não é uma doença, é um distúrbio de aprendizagem de origem neurológica, relacionada principalmente a apropriação da leitura e escrita, independe de causas emocionais, intelectuais ou do contexto no qual o disléxico está inserido. Os sinais da dislexia tornam-se evidentes na fase de alfabetização das crianças, mas alguns sinais já podem ser notados em fases anteriores. Pode acompanhar outros distúrbios de aprendizagem como a disortografia, a disgrafia, a discalculia e também o transtorno de déficit de atenção e hiperatividade. A pesquisa mostra os tipos de dislexia e os sinais do distúrbio, como a família e a escola podem estar contribuindo para o sucesso de crianças disléxicas, que tem limitações, mas também potencialidades. Destaca também a importância na equipe multidisciplinar no tratamento da dislexia.

**Palavras-chave:** Dislexia, Dificuldades de aprendizagem, Diagnóstico, Tratamento, Equipe multidisciplinar.

### INTRODUÇÃO

A dislexia não é doença, é uma das dificuldades de aprendizagem específicas mais frequentes, segundo dados da ABD (Associação brasileira de dislexia) atinge cerca de 10 a 15% da população mundial. Etimologicamente a palavra dislexia deriva do grego e significa dificuldade (dis) em lidar com a leitura, o reconhecimento da palavra (lexia), independentemente de problemas na escolarização do indivíduo, de situação socioeconômica ou de baixo nível intelectual, pelo contrário, os disléxicos podem apresentar inteligência acima da média.

A dislexia do desenvolvimento tem origem neurológica, congênita. Trata-se de distúrbios que afetam a leitura, a automatização, a compreensão leitora e a escrita, mas não

---

<sup>1</sup> Graduada em Pedagogia pela Universidade do Ceará - UECE, pós- graduada em Psicopedagogia Clínica, Institucional e Hospitalar pela Faculdade Kurios – FAK [mariliafisantos@email.com](mailto:mariliafisantos@email.com);

<sup>2</sup> Psicopedagoga – IN [araticiamaria@hotmail.com](mailto:araticiamaria@hotmail.com)

<sup>3</sup> Psicopedagoga – INTA. [ilaneide@hotmail.com](mailto:ilaneide@hotmail.com)

somente isso, há uma série de problemas e comorbidades que podem afetar não só a vida escolar, como outras áreas, emocional, familiar, etc.

Existem vários tipos de dislexia, o distúrbio pode se apresentar de maneira diferente em cada criança. Embora a dislexia possa ser identificada somente durante o processo de escolarização, alguns sinais já podem ser evidenciados no desenvolvimento da criança. E a família e a escola precisam estar atentas nesse sentido, com um olhar sensível e apurado, para entender que algo não está certo e que a criança precisa ser ajudada.

A dislexia não tem cura, ela acompanha o indivíduo por toda a vida, mas há caminho para driblar o distúrbio, o tratamento é feito através da equipe multidisciplinar.

O objetivo geral do trabalho é levar ao conhecimento de pais e professores as características da dislexia e possíveis formas de intervenção, trazendo a reflexão que o disléxico é capaz de aprender, de vencer na vida, que ele tem potencialidades que precisam ser despertadas e valorizadas.

## **METODOLOGIA**

Foi usada nesse trabalho a pesquisa bibliográfica, de natureza qualitativa, fundamentada teoricamente pelos autores: Batista (2012), Muszkat e Rizzutti (2012), Coelho (2013), Ribeiro (2006), Adams (2006), Zorzi (2003), Fernández (1991), dentre outros.

## **ENTENDENDO A DISLEXIA**

Existem dois tipos de dislexia, a adquirida e a de desenvolvimento. A adquirida é aquela ocasionada por alguma lesão cerebral ou traumatismo que tenha afetado a área da linguagem, fazendo com que o indivíduo perda as habilidades de leitura e escrita já desenvolvidas, ou seja, não consegue utilizar determinadas destrezas de que antes era capaz, podendo apresentar também problemas com a fala e a memória. Em adultos, pode ocorrer devido a um AVC (acidente vascular cerebral). Em recém-nascidos, ela pode ocorrer devido à anóxia perinatal ou hipóxia neonatal, ou seja, a falta de oxigenação no cérebro.

Aqui iremos nos deter sobre a dislexia de desenvolvimento, que é um distúrbio de aprendizagem de origem neurológica, relacionado a leitura e escrita, é congênita e muitas vezes até genética, mas que é identificada na fase de escolarização, quando surgem as dificuldade de aquisição da linguagem, na fluência leitora. Atinge mais o sexo masculino numa proporção de 5:1.

De acordo com a forma como a dislexia se apresenta no indivíduo, há várias classificações de diferentes autores, os chamados subtipos.

A classificação mais simples divide a dislexia em fonológica e visuo espaciais.

A dislexia fonológica seria a dificuldade de identificação e na síntese de sons, na decodificação, na leitura em voz alta, apresentando um baixo desempenho em tarefas que envolvem a memória verbal de curto prazo. Também não conseguem identificar rimas em palavras. Pode ser percebida antes mesmo do processo de alfabetização da criança.

Já as visuo espaciais, conhecida também com dislexia de superfície ou grafêmica, estão relacionadas à discriminação visual, o indivíduo apresenta dificuldades na leitura global e na escrita de palavras irregulares, que têm sua escrita justificada apenas pela tradição do uso ou pela origem das palavras, por exemplo, o som do s em diversas palavras; leitura silabada e precipitada, originando invenções de palavras que não constam no texto; escrita espelhada. Apresenta também problemas na orientação direita – esquerda.

Boder (1973 apud Muszkat; Rizzutti, 2012) apresenta outra classificação de dislexia, baseada nos erros de leitura e /ou escrita, produzidos nas diversas condições de leitura (palavras familiares ou não familiares, longas ou curtas, de alta ou baixa frequência): a disfonética, a diseidética e a aléxica.

Conforme Boder (1973 apud Muszkat; Rizzutti, 2012), na dislexia disfonética chamada também de dislexia auditiva, o indivíduo lê bem palavras conhecidas por ele, pois as memoriza visualmente, mas sente dificuldades na leitura e escrita de palavras apresentadas pela primeira vez, na descodificação de sons associados a letras. Os principais erros são: alterações na ordem das letras e sílabas; omissões e acréscimos; trocas de fonemas e grafemas; substituições de palavras por sinônimos, ou trocas de palavras por outras visualmente semelhantes, por exemplo, na palavra “canela”, ele poderia lê “caneta”, pois tentam adivinhar a palavra como base na letra inicial ou grafias parecidas. A maior dificuldade é na escrita, tende a escrever muito devagar, por apresentar problemas na soletração. Tem problemas em relacionar o som da fala com a escrita, o fonema e o grafema.

A diseidética, conhecida também como dislexia visual, o sujeito lê as palavras corretamente, mas com muito esforço e lentidão, tanto palavras familiares quanto não familiares, lê silabando, sem realizar processos de aglutinação e síntese de palavras, fazendo troca por fonemas similares, troca d por b. Não consegue sequenciar eventos ou coisas, as letras do alfabeto, por exemplo.

Apresentam outros problemas como montar quebra-cabeças e diferenciação de formas, cores, tamanhos e posições. De acordo com Mauro Muszkat & Sueli Rizzutti (2012, p. 44), “os leitores disidéticos, teriam por sua vez, um déficit na rota visual, conseqüentemente, uma dificuldade acentuada com palavras irregulares, como por exemplo, fixo ou vaso” (MUSZKAT & RIZZUTTI, 2012, p. 44).

Já a dislexia aléxica é a mistura dos dois subtipos citados anteriormente, com prejuízos tanto fonológicos quanto visuais, sendo o mais comprometido.

Ao adentrar mais em pesquisas, encontra-se outros subtipos e classificações de dislexia de acordo a etiologia, com diferentes níveis de disfunções e características ao processar a palavra.

A dislexia pode vir acompanhada de outros distúrbios de aprendizagem como discalculia, disgrafia e a disortografia. Há casos também de comorbidade com TDAH (Transtorno do Déficit de Atenção com Hiperatividade).

O diagnóstico é o ponto de partida para o entendimento da natureza das fragilidades e também habilidades que o disléxico possui, para assim então buscar alternativas para o desenvolvimento integral do sujeito.

Muszkat & Rizzutti (op.cit.) afirmam que “em uma contextualização mais estrita a dislexia é diagnosticada em crianças com nível mental adequado, estabilidade emocional sem antecedentes mórbidos prévios”. A dislexia independe de má escolarização ou de um contexto social em que não haja vivências de letramento, de fatores socioeconômicos desfavoráveis ou de problemas psicológicos.

Além disso, ao diagnosticar a dislexia, deve ser descartado deficiências visuais e auditivas, que podem comprometer também o processo de aprendizagem.

Ela não deve ser confundida com dificuldades escolares ou com apenas inaptidão para a leitura e a escrita. A dislexia é um conjunto de características. Independe de “achismo”, de argumentos do tipo: “fulano é disléxico, pois não consegue aprender a ler e a escrever”.

Embora alguns sinais da dislexia possam ser notados desde a primeira infância, é por volta dos oito ou nove anos que ela se torna marcante, diante do atraso em leitura e escrita, das notas baixas e outras inabilidades já citadas.

Torna-se também indispensável que se faça uma avaliação do histórico familiar, para detectar a presença de dificuldades de aprendizagem entre os seus membros, os fatores

hereditários; uma análise do contexto escolar, o histórico do aluno, todo o percurso realizado pelo disléxico.

Quem faz esse diagnóstico é uma equipe multidisciplinar, constituída por neurologista, pedagogo, psicopedagogo, psicólogo e fonoaudiólogo. Cada um desses profissionais tem importância fundamental no diagnóstico e tratamento da dislexia, sobre isso abordaremos em outro capítulo.

Um diagnóstico equivocado pode gerar danos ao paciente, desgaste emocional e financeiro para toda a família. Portanto faz-se necessário recorrer a profissionais experientes. Para um diagnóstico preciso, a equipe multidisciplinar deve estar em consonância com a escola e a família.

## **A DISLEXIA E O CAMINHO PARA A APRENDIZAGEM: INTERVENÇÕES E ESTRATÉGIAS**

A equipe multidisciplinar tem papel fundamental tanto no diagnóstico quanto no tratamento da dislexia. Cada profissional, psicólogo, psicopedagogo, pedagogo, fonoaudiólogo, tem a seu tempo, função primordial na vida do disléxico, para o seu desenvolvimento integral. Sendo portanto indispensáveis no plano de intervenção. Batista (ibid, p.88) afirma que:

Um bom plano de intervenção deve ser elaborado em comum acordo com a criança, respeitando suas preferências, escolhas e necessidades. Devem ser contempladas, na organização dos horários, além das atividades de rotina, as horas extras de estudo em casa, assim como as atividades de esporte, música, teatro e outra, conforme a afinidade da criança.

O objetivo do trabalho do psicólogo é trabalhar a autoestima, já que a área emocional do disléxico pode estar fragilizada por conta de sua história com o distúrbio. Nesse sentido, cabe ao psicólogo reforçar as competências e habilidades que o disléxico possui, fazendo-o acreditar em seu potencial e ajudando-o a lidar com os problemas que o transtorno pode trazer no cotidiano. O acompanhamento desse profissional contribuirá:

Para que a criança encontre o equilíbrio emocional e desenvolva o processo de aprendizagem interna – o que lhe permitirá lidar melhor com as dificuldades e adversidades. O psicólogo pode ainda analisar a influência dos problemas e das dificuldades na dinâmica interna e intrapsíquica da criança, trabalhando no sentido

de incentivar o aparecimento e o ajustamento das capacidades intra e interpessoal. [...] ajudar a criança a compreender suas características individuais e situações problemas (BATISTA, *ibid.* p. 88).

O fonoaudiólogo também tem sua importância no tratamento da dislexia. Ele é o responsável em desenvolver as habilidades e funções da linguagem, despertar o gosto pela leitura e escrita. Para isso, o fonoaudiólogo precisa conhecer a história da criança no que se refere à aquisição da linguagem, seus erros e acertos em leitura e escrita, acompanhar a criança na escola e conversar com seus professores.

Outro profissional que faz parte do plano de intervenção é o pedagogo. Ele é o responsável pela orientação e organização dos estudos extraescolares da criança, é quem auxilia nas tarefas que a escola manda para ser realizadas em casa. Assim fica estabelecida uma rotina diária para acompanhamento da aprendizagem da criança, com atividades específicas interventoras.

Outro integrante da equipe multidisciplinar é o psicopedagogo. Esse profissional é responsável por identificar o que favorece ou dificulta a aprendizagem, resgatando a autoestima do disléxico e fazendo-o acreditar que existe um caminho alternativo e que ele é capaz de aprender. É preciso que o desejo de aprender seja resgatado.

É necessário que o psicopedagogo se aproxime do sujeito, buscando compreender como o disléxico aprende, o que pensa a respeito dos processos de aprendizagem e do contexto no qual está inserido. Através do seu trabalho, o psicopedagogo contribui para que o disléxico tenha um reencontro consigo mesmo e com a leitura. Além disso, esse profissional “esclarecerá, orientará e assinalará, para pais e professores, atitudes, condutas e atividades que intervêm e podem determinar o desenvolvimento cognitivo (BATISTA, *op. cit.*).

Existem no Brasil instituições que prestam apoio aos disléxicos e suas famílias, que auxiliam tanto no diagnóstico como no tratamento. São eles: Instituto ABCD, ABD - Associação Brasileira de Dislexia, ambos em São Paulo, e AND - Associação Nacional de Dislexia, no Rio de Janeiro.

A equipe multidisciplinar exerce a sua importância, mas a escola não pode ser isenta do seu papel. É na instituição escolar que a aprendizagem acontece de maneira sistemática e cabe a ela planejar estratégias e adequar materiais pedagógicos que atendam as necessidades da criança com dislexia, valorizando suas potencialidades e destacando suas conquistas.

Antes de ir para a atividade no papel, a criança precisa vivenciar experiências significativas com a leitura e a escrita. Brincar com o alfabeto móvel; compor palavras ou o nome próprio com auxílio de fichas; fazer letras com massinha de modelar ou barbante; explorar a forma das letras em e.v.a com os olhos vendados; recortar letras de revistas; desenhar letras com tinta guache em painéis; desenhar letras em tanquinhos de areia; ouvir histórias e improvisar dramatizações com os colegas; recontar histórias através da oralidade.

Também deve existir o cantinho da leitura, com uma diversidade de livros infantis, revistas em quadrinhos e os mais variados gêneros, contos, poemas, parlendas, receitas, bilhetes, etc. O cantinho da leitura deve ser um espaço contínuo para o encantamento para a leitura, onde as crianças também possam falar de suas histórias preferidas.

Atividades que contribuam para o desenvolvimento da consciência fonológica são importantíssimas, pois preparam cognitivamente para aprender a ler e a escrever. A criança precisa compreender que a escrita representa os sons da fala e refletir sobre as unidades linguísticas, textos, frases, palavras, sílabas e letras. Isso tudo através de jogos e brincadeiras: jogos de escuta, jogos com rimas, consciência das palavras e frases, consciência silábica e fonêmica.

Adams (et. al. 2006) apresenta uma série de jogos e brincadeira que trabalham a leitura e a escrita de maneira lúdica. Um dos jogos enfatiza a rima por meio do movimento. É um jogo multissensorial cujo objetivo é concentrar a atenção da criança na rima presente no texto. E os métodos multissensoriais têm sido comprovados como os mais efetivos para crianças com dislexia. O professor deve fazer antes um cartaz com a música “O sapo não lava o pé”, do cancionero infantil, que serve de base para explorar o ritmo da rima através dos movimentos.

As crianças devem senta-se em círculo com ambas as mãos fechadas à frente. Enquanto todas cantam a música, a pessoa que é a “escolhida” movimentada-se em torno do círculo e (suavemente) marca com batidas as palavras, primeiro na mão direita e depois na esquerda de cada criança. Uma criança cuja mão seja batida na [...] palavra que rime de cada verso [...] deve colocar essa mão nas costas. Assim que esconder ambas as mãos, a criança estará fora. A última que permanecer [...] será a escolhida (ADAMS, et. al. 2006, p. 54).

Outras atividades que explorem a oralidade também são valiosíssimas, o professor deve estar sensível para a fala da criança. Mostrar uma imagem de uma cena ao disléxico e indagar: o que você vê nela? Quais objetos podem ser notados? O que a pessoa da imagem

está fazendo? Essa imagem te lembra algo? Em seguida, pedir que a criança conte uma história a partir daquela imagem.

Oferecer jogos que estimulem a memória, ajudá-lo a montar quebra-cabeças. O professor também pode trabalhar com a leitura de tirinhas, depois recortar os quadros e ajudar a criança a sequenciá-los.

Além de trabalhar a autoestima, de elogiar seus avanços, de incentivar a oralidade da criança com dislexia, outras ações devem ser feitas pelo professor em sala de aula.

Muszkat & Rizzuti (2012), dão várias dicas para monitoramento das atividades: sentar o aluno próximo ao professor; durante as explicações, dar informações curtas e precisas a fim de facilitar a compreensão; repetir sempre as informações; não sobrecarregar com atividades para casa; não insistir em exercícios de fixação repetitivos e numerosos, pois isso só vai gerar cansaço e não contribui para a diminuição das dificuldades do aluno com dislexia; permitir que a crianças utilize, se necessário, computadores, gravadores e calculadoras; utilizar livros com versões em áudio; deixar que o aluno apresente seus trabalhos de forma pratica, utilizando a criatividade; não insistir para que o disléxico realize leituras em voz alta; não comparar o rendimento do disléxico com os demais da turma; dar mais tempo na realização das atividades; reservar um tempo para praticar a soletração com o aluno; criar um horário visual com símbolos e palavras para que o disléxico tenha confiança sobre a rotina no dia a dia; atribuir tarefas para que o disléxico sinta-se útil e capaz de realizar comandos, não enfatizar os erros do aluno.

Outra questão importante é a avaliação do aluno disléxico. Uma das estratégias que o professor pode utilizar é a avaliação oral, já que o disléxico não se sai bem com as provas escrita, e que seja realizada em um ambiente tranquilo, já que os disléxicos se distraem com barulhos externos e perdem a concentração para responder corretamente.

Quando o disléxico for submetido à avaliação escrita, é recomendável que o aluno tenha um tempo a mais. Conforme MUSZKAT & RIZZUTI (ibid.), o professor deve ler as perguntas para o aluno, verificar se houve uma compreensão daquilo que foi solicitado e se coloca a disposição para eventuais dúvidas que surgirem ao longo da prova. Se for necessário, o professor pode fazer as perguntas e transcrever as respostas do aluno. Durante o processo de correção, deve haver uma valorização da produção do aluno, evitando cobrar erros ortográficos até a fluência e automatização da leitura. Nas redações, valorizar mais o conteúdo. A avaliação deve ser contínua.



Existem pessoas que se tornaram conhecidas em todo o mundo por seus feitos, mas que também eram disléxicas.

Albert Einstein, conhecido por desenvolver a teoria da relatividade, um dos pilares da física moderna, ganhou inclusive o Prêmio Nobel de Física, considerado um gênio, uma pessoa dotada de grande criatividade e imaginação. Por ser disléxico, enfrentou dificuldades na aprendizagem, só foi alfabetizado aos nove anos de idade. Falando sobre suas dificuldades, Einstein disse: “Quando leio, somente escuto o que estou lendo e sou incapaz de lembrar da imagem visual da palavra escrita”. O professor Carlos Alberto dos Santos (2000), da UFRGS (Universidade Federal do Rio Grande do Sul), em suas pesquisas sobre o assunto, relata sobre a vida escolar de Einstein.

Em consequência das suas dificuldades para memorizações, ele se desinteressava pelas aulas [...], provocando violentas reações dos seus professores. Tanto, que certo dia o diretor da escola, coincidentemente o professor de grego, convoca-o para uma reunião e declara, entre outras coisas, que seu desinteresse pelo grego era uma falta de respeito pelo professor da disciplina, e que sua presença na classe era péssimo exemplo para os outros alunos. [...] o professor disse que Einstein jamais chegaria a servir para alguma coisa.

Mas ele se tornou grande, apesar da negatividade dos professores que não entendiam suas limitações, e se tornou o maior físico do século 20. Hoje em dia, quando alguém é inteligente, logo comparam a Albert Einstein.

Outro grande nome, também disléxico, é Leonardo da Vinci. Seus manuscritos revelam que a sua escrita era de trás para frente. Seu currículo é extraordinário! Cientista, matemático, engenheiro, inventor, anatomista, pintor, arquiteto, botânica, poeta e músico. Sua pintura mais famosa é o quadro da enigmática Mona Lisa.

Pablo Picasso, disléxico, se tornou um dos maiores artistas do século xx, foi pintor, escultor, ceramista, cenógrafo, poeta e dramaturgo. Picasso sempre teve o apoio incondicional de seus pais, principalmente de sua mãe. "Quando eu era criança, minha mãe me disse: 'Se você se tornar um soldado, você vai ser um general. Se você se tornar um monge, você vai ser o papa'. Em vez disso, tornou-se um pintor e acabou como Picasso."

Thomas Edison, cientista, inventor da lâmpada incandescente, disléxico, era considerado mentalmente atrasado por seus professores.

Agatha Christie, disléxica, é a romancista mais bem sucedida da história da literatura popular mundial, vendeu mais de oitenta livros. Ela entrou para o Guinness Book of

World Records como a autora que mais vendeu livros, pela maior peça teatral e pelo livro mais espesso do mundo, medindo mais de 30 cm, com 4032 páginas com romances e contos. A maneira que Agatha Christie encontrava para driblar a dislexia, era ditar suas histórias para uma secretária ou usar um gravador. Na infância, sua mãe lia muitas histórias para ela.

O ator Tom Cruise, dislético, conhecido por sua brilhante atuação em filmes, aprendeu a lidar com o distúrbio: “eu tinha que treinar a mim mesmo para concentrar a minha atenção. Assim, me tornei muito visual e aprendi como criar imagens mentais para poder

Na política encontramos também disléticos: John Kennedy (um dos presidentes dos Estados Unidos), Thomas Jefferson (autor da declaração da independência dos Estados Unidos).

Nas artes cênicas temos Harrison Ford (conhecido por interpretar o famoso Indiana Jones), Robin Williams (interpretou vários filmes de sucesso, entre eles: Patch Adams – O amor é contagioso/ Sociedade dos Poetas Mortos), Whoopi Goldberg (atriz conhecida pela participação em Ghost – do outro lado da vida/ Todo mundo odeia o Chris), Keanu Reeves (além de ser ator, é um dos maiores produtores cinematográficos do mundo, um dos seus filmes conhecido é Matrix), dentre outros.

Steven Spielberg, cineasta, roteirista e produtor cinematográfico, seus filmes estão entre os 100 melhores filmes de todos os tempos.

Outro dislético famoso, também, é o músico, compositor e cantor John Lennon, suas músicas são apreciadas em todo o mundo.

Existem muitos outros nomes, muitas outras histórias de superação, de pessoas com dislexia que alcançaram sucesso. Ressalta-se que o dislético tem potencialidades, basta que alguém acredite nelas, que não o rotulem como aquele que não consegue aprender, mas como alguém que pode sim conquistar o que quiser, mas que para isso precisa de apoio.

## **CONSIDERAÇÕES FINAIS**

Afirmar que a dislexia é uma condição neurológica é afirmar também que o cérebro de um dislético não funciona da mesma forma do que o cérebro de pessoas não disléticas. Há um comprometimento no giro angular, região responsável pelo processamento da linguagem, a criança apresenta dificuldades de relacionar grafemas com os fonemas, isso impede a análise das palavras e a automatização da leitura.

Embora só possa ser diagnosticada durante o processo de alfabetização, muitos sinais podem ser detectados. A família e a escola precisam estar atentas a isso, quanto antes o distúrbio for diagnosticado, o tratamento terá mais êxito. Um diagnóstico precoce evitará ao disléxico contínuos fracassos na escola, baixa autoestima, depressão, marginalização social e transtornos de comportamento, que podem ocasionar também o abandono escolar.

Destaca-se a importância da família no resgate da autoestima e na procura por alternativas que o auxiliem o disléxico. Primeiramente recorrendo a profissionais especializados, pedagogo, psicopedagogo, fonoaudiólogo e psicólogo. O acompanhamento de uma equipe multidisciplinar fará toda a diferença no tratamento. Os pais precisam compreender a natureza do distúrbio pra melhor intervir, valorizar cada progresso da criança, ajudá-la a enfrentar as limitações, estimular a autoconfiança e a autonomia, ser presente na escola, estabelecendo uma parceria com os professores.

Em relação à escola, acredita-se que ainda há um longo caminho a ser percorrido no ensino que contemple as crianças com dificuldades de aprendizagem específicas. Primeiramente, as instituições, responsáveis pela formação acadêmica de professores, devem acrescentar em seus currículos o estudo de cada um dos distúrbios que interferem na aprendizagem e o desenvolvimento de metodologias que vão de encontro às necessidades de cada criança. Afinal, não existem turmas homogêneas e é um grande desafio para o professor lidar com isso.

Faz-se necessário enxergar além das dificuldades de aprendizagem, além das impossibilidades que a dislexia traz para o sujeito, precisamos valorizar cada avanço. O disléxico é capaz de aprender! As pesquisas revelam que a capacidade intelectual dos disléxicos é igual ou superior a média de outras pessoas da sua idade. Mas se não tiver ajuda, não conseguirá vencer os obstáculos. Por isso a família e a escola exercem papel fundamental nesse processo. Os disléxicos são dotados de criatividade, de imaginação e de inteligência. Eles podem alcançar seus sonhos!

Em algum lugar por aí, existe uma criança disléxica precisando ser notada e amparada por alguém que acredite no potencial delas, que a ajude a encontrar um caminho para a aprendizagem, para a felicidade. E as pessoas mais indicadas para isso são os pais e professores. Tudo aquilo que é feito com cuidado, com respeito e principalmente com amor dá certo. Esse é o desafio!

## REFERÊNCIAS

ADAMS, Marilyn Jager [et al.]. Consciência fonológica em crianças pequenas. Porto Alegre: Artmed, 2006.

ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE DISLEXIA. **O que é dislexia?** Possíveis sinais. Disponível em < <http://dislexia.org.br/v1/index.php/health-living-c/50-haretra-faucibus-eu-laoreet-9>> Acesso em 25/06/15.

BATISTA, Rosele Martins. **Meu filho, minha vida:** nossa história com a dislexia. São Paulo: All Print Editora, 2012.

PIVA, Rodrigo. **70 famosos disléxicos.** Disponível em < <http://curiosando.com.br/70-dislexicos-famosos/>> Acesso em 29/06/15.

SANTOS, Carlos Alberto dos. **O menino Einstein.** Disponível em < <http://www.if.ufrgs.br/einstein/menino.html>> Acesso em 08/07/15.

MUSZKAT, Mauro; RIZZUTTI, Sueli. **O professor e a dislexia.** São Paulo: Cortez, 2012.